

Desatenção a Bocaina

Caraça, Minas Gerais

Jacques Sanna

Groupe Spéléo Bagnols Marcoule

Although it can not be considered a maze cave, Gruta da Bocaina can confuse those who does not know it well. The difficulties of the exploration, the intense cold and the physical exhaustion due to the long hours inside the cave, only add to this problem. The author describes the episode when a team could not find its way out of the cave, and had to wait for several hours for a rescue team. A conscious self-criticism, where the incident is analysed in detail.

Quarta-feira

27 de junho de 2001 – 10:30h

Éramos um grupo franco-brasileiro de 16 pessoas: Valérie, Nelly, Guy, Jean-François (Jef), Benoît, Marc, Joël, Gilles, Olivier, Jacques, Augusto, Ezio, Daniel, Hedmilson, Álvaro e Gabriel. Iniciávamos nossa aventura no Santuário do Caraça – Santa Bárbara – MG (alt. 1270m). Este parque natural é um lugar de destaque do patrimônio religioso, cultural e artístico do Brasil. Com as mochilas bem equilibradas nas costas, a caminhada começou na planície rumo ao maciço de quartzito (arenitos silicosos) do Pico do Inficionado (alt. 2060m). Além das 16 cargas pessoais (em torno de 350kg), 200kg de material e de mantimentos foram trazidos por uma equipe de 8 carregadores, já que não foi possível usar o serviço do helicóptero, como desejávamos. Cada pessoa tinha um ritmo próprio, e logo uma longa fila de

caminhantes carregados se perfilou até os limites do horizonte. Foi, sem dúvida, uma caminhada longa e cansativa. Uns a fizeram em 3:30h. Para os últimos, dentre os quais eu estava, o percurso demorou 5h. Mas pouco importa. O objetivo foi alcançado e o prazer de estar neste lugar, privilegiado de paz, onde vibra uma energia mineral e vegetal, tinha um preço bem mais alto do que os esforços feitos. O acampamento foi montado seguindo o ritmo natural de cada um. As barracas invadiram todas as áreas planas desse cume, onde a rocha era onipresente e deixava apenas um pouco de espaço para a vegetação persistente e resistente (campo rupestre). A grande lona laranja também foi montada para servir de espaço coletivo, onde seriam tomados os cafés da manhã, as refeições, e onde seriam debatidas as descobertas realizadas por cada equipe.

O momento do jantar chegou e

a noite também. Ela estendeu sua roupa avermelhada para, em seguida, tornar-se escura e cheia de estrelas. Eram 19 horas e uma temperatura de 9°C nos obrigou a equiparmos com gorros, pulôveres e corta-ventos – porque tinha muito vento, o que criou um clima frio, a que não estávamos acostumados na Bahia. O plano para o dia seguinte estava pronto. Duas equipes iriam nas fendas, uma outra faria as prospecções e a logística do acampamento seria deixada para Nelly. Ela escolheria os menus e iria buscar água (pH 5 a 7) rara nessa altitude, e se aproveitaria desse lugar natural e sem idade (2 bilhões de anos).

Quinta-feira – 28 de junho

Depois de uma noite úmida e fria, encolhidos dentro de nossas barraquinhas, os benéficos raios de sol nos animaram a sair e a nos espalhar por todo lado. O café da manhã nos permitiu começar o dia todos juntos.



Uma equipe formada por Benoît, Olivier, Joël, Álvaro (Brasília) e eu seguirá uma rede de galerias descobertas na Gruta da Bocaina pelo Grupo Bambuí ao curso de suas explorações do ano 2000. Ela está situada ao norte da entrada principal P116 m. Um desmoronamento forma um enorme caos que obstrui a passagem. É necessário se aventurar repetidamente entre essas toneladas de rochas antes de conseguir encontrar um caminho mais fácil. Descemos uns 30m já conhecidos antes de chegarmos no ponto B16. Lá se encontra um salão onde a água corre no ritmo de um litro/minuto, formando um pequeno afluente que se encontra em seguida com a torrente principal desta drenagem.

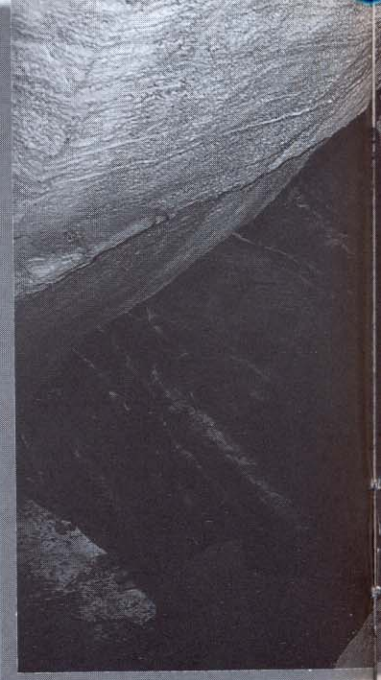
Segui atrás de meus companheiros sem prestar atenção às sutilezas das passagens que acabávamos de atravessar. Chegamos ao término atingido pela equipe do Bambuí em 2000.

Após um desnível de 7m encontramos a continuação. De escaladas em desníveis e de passagens entre os blocos, a fratura se tornava, às vezes, bem estreita.

Continuamos nossa progressão descendo às vezes poços de 20 a 30 m, entre essas duas paredes de quartzito. Passamos por corredores longos, de 50 a 100 m, pisando num pó de quartzito que deixava a impressão de que um tapete branco havia sido desenrolado lá para nós. No final desse percurso paramos em um desvio que descia uns 15 m e que precisava ser equipado. Nesse lugar, a ação da água durante milhares de anos talhou na rocha dura formas parecidas com as que se encontram no calcário, que é uma "rocha mole". Em cima dos blocos engatados aqui e ali, nos pontos de escoamento das gotas d'água, formavam-se "caixas de jóias", onde cristais de quartzo estavam incrustados. Estes foram

alisados e modelados à mercê do tempo como jóias, que fossem apresentadas à luz de nosso olhar. Embaixo desse pequeno cânion percorrido pela água seguimos o rio, que nos levou até um desmoronamento onde a fenda se tornava mais larga. Descemos e encontramos de novo o rio que continuava a correr num desnível de uns 20 m. Como faltavam cordas, foi decidido parar por ali. Somavam-se assim 300 m de extensão a esta forma geológica criada mecanicamente pelo movimento tectônico dessa região.

Nesse ponto, onde uma escalada perigosa interrompeu nossa progressão, era possível enxergar a luz do dia que penetrava pela abertura no alto da fenda, 37m acima. Onde estaria esse novo acesso? A equipe decidiu, então, se dividir. Álvaro e eu voltamos para trás, enquanto Benoît, Olivier e Joël se encarregaram da topografia do percurso descoberto.



O circuito de volta foi fácil, à exceção de uns poços, onde o equipamento não ajudou tanto quanto na descida. É verdade que, quando o contexto é diferente, as dificuldades aparecem, sob um outro ângulo. Contudo, conseguimos chegar até o famoso ponto topográfico B.16. Álvaro abria o caminho enquanto eu o seguia de perto. Devido à minha condição física (prótese total do quadril direito) toda a concentração era requerida para passar nos obstáculos delicados. Na dianteira, Álvaro se confundia a respeito da continuação que levava até a base da vertical de 116m e, como eu não tinha prestado atenção na ida, não podia ajudá-lo. A conversa levou nossas vozes para longe dentro da fenda e, por sorte, chegaram aos ouvidos do Ezio que se encontrava em baixo do abismo de 116 m. E foi assim que conseguimos chegar sem problemas até ele, guiados pela sua voz. Estava feliz por estar próximo à saída; a subida do poço constituía só uma formalidade automática.

23:00h – O retorno rumo à lona laranja fez-se sob as estrelas e o silêncio, com a luz de nossas lanternas remanescentes. Benoît, Olivier e Joël regressaram por volta de 2 horas da manhã e acabamos o dia iniciando um outro em volta de uma refeição bem vinda.

Sexta-feira

29 de junho – 8:30h

Fisicamente eu não me sentia bem: dores musculares e tendinosas. Minha articulação artificial e seus arredores não apreciaram nada essa seção de ultrapassagem excepcional da minha condição atual – claro que foi por minha própria vontade. Após ter recuperado uma mobilidade aceitável e depois de um café da manhã copioso, decidi acompanhar na superfície o grupo composto por Joël, que filmava nossa aventura, Olivier, Benoît e Marc, que tiveram por objetivo descobrir essa nova entrada, vista no dia anterior ao final da exploração.

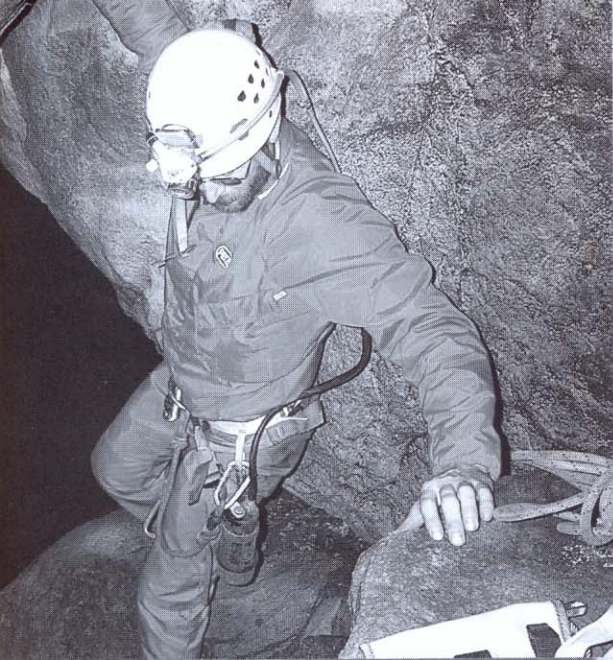
Voltamos à boca da Bocaina. Caminhamos por uma trilha pouco visível no meio da vegetação luxuriante, onde o frescor era intermitente. Chegamos em cima da imponente fratura. Dessas alturas conseguimos distinguir, com a ajuda de um reconhecimento aproximativo no mapa e de uma estimativa dada pelo GPS, a possível localização do ponto procurado. Os rádios transmissores são de uma preciosa utilidade nesse tipo de prospecção; enquanto os grupos estão separados, fraturas e distâncias impedem as comunicações pelas vias normais.

As buscas pela nova entrada, que encurtaria o incômodo caminho dentro da gruta para chegar até o ponto final da exploração, prorrogaram-se durante uma parte da tarde. Depois de horas de prospecção, finalmente encontramos a nova entrada da Bocaina. A vertical de 37m vista no dia anterior foi equipada por meus amigos enquanto eu observava, de uma parte mais elevada, eles desaparecerem um após o outro dentro da boca da rocha.

Sábado – 30 de junho.

Várias equipes se formaram nesta manhã ensolarada. Eu fazia parte de uma delas, com Valérie e Guy. Nosso objetivo consistia em desequipar toda a parte descrita anteriormente, assim como realizar alguns “clichês” desse novo circuito. O sentido da progressão se faria a partir da vertical de 37m (que seria desequipada por uma outra equipe depois da nossa passagem) rumo à entrada do P.116, o que significava que nenhuma volta para trás seria possível.

Percorremos todas as áreas já conhecidas, parando várias vezes para fotografar aspectos característicos dessa formação rara no mundo. Chegamos até o desnível de 7m equipado por nossos amigos brasileiros em



Em vários locais as galerias da Gruta da Bocaina são preenchidas por toneladas de blocos abatidos que, além de obstruir as passagens, podem camuflar o caminho correto. Fotos: Jean François Perret.

2000, enchendo nossas mochilas com o equipamento recuperado. Valérie e Guy não conheciam essa rede. Como era o único que havia participado da sua exploração, caminhei à frente do nosso trio.

Acima dessa última corda enxergamos a luz do dia, que chegava até nós pela entrada superior da fenda. Antigos ninhos feitos por andorinhões, que invadem esses lugares durante a nidificação (de agosto até dezembro) ainda continham cascas de ovos esvaziados de seu conteúdo. Eram 17:30h e eu levava meus amigos rumo ao que me parecia ser o caminho certo até a saída. De repente, uma dúvida tremenda tomou conta de mim. Percebi, com muito receio, que tinha esquecido como sair dali.

Nesse momento minha cabeça estava em ebulição e logo entendi o porquê dessa situação. Na primeira vez que tinha passado por ali, usei toda a minha energia para superar os vários obstáculos com a maior prudência, e a minha atenção não estava voltada para as passagens-chaves desse circuito. Aliás, a idéia de um risco de luxação da prótese, no fundo da Bocaina, estava presente, e eu fiz de tudo para que ela não se concretizasse. A consequência dessa desatenção agora justificava o meu esquecimento.

Tentamos todas as possibilidades oferecidas: pela esquerda, pela direita, por baixo, por cima... Mas nada fez a minha memória voltar, pelo contrário: uma grande confusão me invadiu e tudo se tornou cada vez mais vago nas minhas lembranças. Já se haviam passado duas horas e meia quando Guy me anunciou um ponto topográfico em cima de um bloco, no meio de um salão, onde escorregava um riachinho entre cristais de quartzo: o famoso ponto BI6. O lugar exato onde o Alvaro também havia perdido a direção da saída. Mas, infelizmente, desta vez o Ezio não estava por perto...

Cansado dessas buscas vãs, desorientado e com as idéias confusas, propus à Valérie e Guy descansar um pouco tomando uma bebida quente. Tentei me acalmar, juntar minhas lembranças e assim fui de novo sozinho explorar os diferentes acessos já percorridos várias vezes sem sucesso. Juntei-me aos meus companheiros e expliquei-lhes minha decisão de cessar as buscas para esperar que nossos amigos da superfície, viessem nos ajudar a sair desse labirinto de blocos.

21:00 horas — A umidade se expandiu por toda parte enquanto correntes de ar e uma temperatura de 13°C desencadeava ondas de

arrepio que nos obrigaram a tirar nossos cobertores de emergência. Tínhamos bebida, comida e carbureto. A situação era insólita, mas não catastrófica. Guy nos fez uma demonstração de seu talento de roncador, logo imitado por Valérie.

23:30 horas — Como não conseguia encontrar o sono, fiquei atento a todo barulhinho desse subterrâneo onde nós estávamos presos. Murmúrios longínquos chegaram até meus ouvidos e 10 minutos mais tarde podíamos ouvir distintamente a voz de Olivier. Ele estava chegando seguindo as pequenas passagens entre os blocos e a luz da sua lanterna apareceu acima de nosso acampamento improvisado. Marc e Gilles seguiam, sendo avisados que nós estávamos bem. A informação foi imediatamente transmitida pelo rádio para a equipe de superfície, que a enviou até o acampamento-base, no cume do maciço. Depois de ter explicado o porquê da nossa situação, eles nos fizeram sentir a absurdidade da mesma, com uns sentimentos de não aceitação dos fatos... Chegaríamos na lona laranja por volta de 2 horas da manhã desse domingo, 1º de julho. Jean-François tinha preparado Lyofals. Obrigado Jean-François!

Epílogo:

Às vezes, algumas situações se apresentam a nós. Essas são conforme o nosso estado de espírito do momento e manejas em consequência. Para aqueles que não compartilharam dessa realidade, a situação é percebida de uma outra forma. Tomar consciência disso e aceitar essa realidade — que é uma das particularidades da vida — não é fácil para qualquer um. Portanto, consiste numa das lições. Haverão outras, de que eu me lembrarei, dessa enriquecedora experiência que foi a Expedição 2001. 



INATTENTION A BOCAINA (Caraca, Minas Geraes) Jacques Sanna Groupe Spéléo Bagnols Marcoule

Mercredi 27 juin 2001, 10h30.

Notre groupe franco-brésilien est composé de 16 personnes : Valérie, Nelly, Guy, Jean-François (Jef), Benoît, Marc, Joël, Gilles, Olivier, Jacques, Augusto, Ezio, Daniel, Hedmilson, Alvaro et Gabriel. Nous débutons notre périple à partir du sanctuaire de Caraca – Santa Barbara, Minas Geraes, (alt. 1270 m).

Ce parc naturel est un haut lieu du patrimoine religieux, culturel et artistique du Brésil.

Les sacs à dos bien calés, nous entamons notre marche dans la plaine en direction du massif de quartzite (grès siliceux) du Pico do Inficionado (alt. 2060 m).

En plus de nos 16 charges personnelles (env. 350 kg) et faute de n'avoir pu obtenir l'hélicoptage préalablement envisagé, 200 kg de matériel et de vivres sont acheminés par les soins d'une équipe de 8 porteurs.

compte le plaisir de se retrouver en ce lieu privilégié de paix, où règne une énergie minérale et végétale qui vaut bien les efforts engagés.

On installe le camp à la cadence naturelle propre à chacun. Les tentes se mettent peu à peu à envahir toutes les zones planes de ce sommet où la roche est omniprésente, ne laissant plus qu'un espace très réduit à la végétation persistante et coriace (Campo Rupestri).

On hisse à son tour la grande bâche orange qui, une fois tendue, servira de point de ralliement à l'ensemble des troupes, où les petits déjeuners et les repas seront pris en commun, et où se tiendront les débats et les échanges d'idées sur les comptes rendus des découvertes réalisées par chaque équipe.

Et c'est enfin le moment de dîner alors que le crépuscule fait son apparition. Tout d'abord en étendant son manteau rougeoyant avant de recouvrir les cieux de son obscurité en donnant naissance à une nuit noire et étoilée. Il est 19h, une température de 9°C allée à un fort vent oblige la joyeuse équipée à sortir les bonnets, les pulls et les coupe-vent car ce souffle ne fait qu'amplifier ce froid auquel nous n'étions pas habitués dans le Babia.

Chacun progresse à son rythme et très vite tout un chapelet de marcheurs lourdement équipés s'égrène à perte de vue.

Quelles que soient les circonstances, le trajet est long et fatigant.

Certains d'entre nous l'auront effectué en 3h et demie, alors que les derniers, dont je fais partie, auront besoin de 5h pour en venir à bout. Mais qu'importe, une fois le but atteint, seul

L'emploi du temps du lendemain est établi : deux équipes s'immisceront dans les fractures pendant qu'une autre se chargera de la prospection. Quand à l'intendance du camp, Nelly y veillera. Elle ordonnancera les victuailles, ira puiser l'eau (pH 5 à 7), rare à cette altitude, et se délectera de ces paysages au milieu d'un environnement varié et sans âge (2 milliards d'années).

Jeudi 28 juin.

Après une nuit froide et humide, encastrés dans nos petites tentes, les rayons bienfaisants du soleil nous engagent à en sortir et nous ne tardons pas à nous déployer de tous côtés. Le petit déjeuner nous permet de commencer la journée tous ensemble.

Une équipe, dont je ferai partie, formée de Benoît, Olivier, Joël et Alvaro (de Brasília) poursuivra les recherches en empruntant un itinéraire découvert par le Groupe Bambui lors de leurs séjours au cours de l'année 2000.

Celui-ci court au bas et au nord de la verticale de 116 mètres qui mène au pied de cette fracture de surface dénommée Bocaina.

A gauche, en ayant la corde dans le dos, un effondrement de blocs forme un énorme chaos qui obstrue le passage. C'est en se faufilant parmi ces tonnes de roches, et en renouvelant l'expérience à plusieurs reprises, qu'on parvient enfin à retrouver un cheminement plus aisé. Nous sommes descendus d'une trentaine de mètres, en suivant un itinéraire connu, et nous atteignons le point topo B.16.

A cet endroit se trouve une salle dans laquelle l'eau s'écoule au rythme d'un litre/minute en formant un petit affluent qui va rejoindre le cours principal de ce drainage.

Me trouvant derrière mes compagnons, je me contente de les suivre sans prêter attention aux subtilités des passages que nous venons de franchir.

Nous arrivons au terminus de l'équipe Bambui 2000 où après un ressaut de 7 mètres, la suite s'offre à nous. Nous alternons ensuite escalades et ressauts, et les passages entre les blocs. La fracture devient par endroits fissure étroite.

Nous progressons toujours en descendant parfois des puits de 20 à 30 mètres, entre ces deux parois de quartzite. Nous suivons des couloirs longs de 50 à 100 mètres, en marchant sur de la poudre de quartz donnant l'illusion qu'un véritable tapis blanc a été déroulé là pour nous.

Au bout de ce parcours, nous sommes arrêtés par un décrochement descendant d'une quinzaine de mètres, qu'il est nécessaire d'équiper. Ici, l'activité de l'eau, durant des milliers d'années, a sculpté dans cette roche dure des formes semblables à celles que l'on peut trouver dans le calcaire, beaucoup plus tendre. Sur les blocs coincés çà et là, aux points d'écoulement des gouttes d'eau, se sont formés des écrans sertis de cristaux de quartz qui semblent avoir été taillés et polis selon le bon vouloir du temps, et qui s'offrent à nos yeux ébahis comme des bijoux qui nous seraient offerts.

Au fond de ce petit canyon parcouru par l'eau, nous marchons dans l'actif qui nous conduit devant un élargissement de la fracture, au sommet d'un éboulis. Nous le descendons et retrouvons l'eau qui continue à s'écouler dans un ressaut d'une vingtaine de mètres.

Faute de corde, nous décidons de mettre un terme à l'exploration. Cependant, notre contribution permet d'ajouter 300 mètres de développement à cette formation géologique qui a été créée mécaniquement par le mouvement dû à la tectonique propre à cette région.

Au point où nous sommes rendus, il est possible de distinguer la fracture qui remonte sur 37 mètres et qui débouche sur le plateau, au grand jour.

Où se trouve donc ce nouvel accès ?

Notre équipe décide ici de se scinder en deux. Alvaro et moi-même rebrousserons chemin tandis que Benoît, Olivier et Joël se chargeront de réaliser la topographie du parcours découvert.

Le chemin du retour est aisé, hormis lors du franchissement de quelques puits pour lesquels l'équipement en notre possession s'avère moins efficace que lors de la descente. Et oui, le contexte est différent et les difficultés apparaissent sous un autre angle lorsqu'il s'agit de remonter. Malgré les obstacles qui cherchent à nous

freiner, à nous retenir en ces lieux, nous réussissons tout de même à rejoindre le fameux point topo B.16. C'est à cet endroit précis qu'Alvaro, qui ouvrait la route pendant qu'à sa suite je m'évertuais avec la plus grande attention de venir à bout des difficultés du terrain, qui s'avéraient des plus ardues, à cause de ma condition physique précaire (prothèse totale de la hanche droite), se retrouve soudain dans l'embarras quand il doit reconnaître la suite qui mène à la base de la verticale de 116 mètres.

N'ayant guère prêté attention au parcours à l'aller, je suis bien incapable de lui venir en aide. Nous faisons alors plusieurs essais qui se révèlent tous infructueux. Par endroits, sa collaboration m'est précieuse car certains passages seraient par trop risqués si j'osais m'y aventurer seul. Le timbre de nos voix porte loin dans cette fracture et, par chance, le flot de nos paroles arrive aux oreilles d'Ezio qui, se trouvant au bas de la verticale, établit immédiatement le contact et se met à nous guider de la voix. Grâce à son aide providentielle, nous voilà bientôt à ses côtés sans encombre. Quand à moi, je ne suis pas fâché d'être proche de la sortie, la remontée du puits ne sera qu'une pure formalité. Nous entamons enfin notre marche de retour vers la toile orange. Il est 23 heures. Nous cheminons sous les étoiles et le silence à la lueur de nos flammes restantes. Une fois au camp, Benoît, Olivier et Joël nous rejoignent à leur tour vers 2h du matin, et nous achevons la journée tout en étreignant une nouvelle autour d'un repas bienvenu.

Vendredi 29 juin, 8h30.

Je suis physiquement mal en point. Je souffre de courbatures musculaires et tendineuses. Mon articulation artificielle et ses alentours n'ont pas du tout apprécié cette séance de dépassement, contraire à ma condition présente —dérégulation spéciale que je me suis moi-même autorisée, bien sûr !

Après avoir retrouvé une mobilité acceptable et ingurgité un petit déjeuner copieux, je décide d'accompagner, en surface, Joël le chasseur d'images et son groupe. En plus de notre caméraman, Olivier, Benoît et Marc qui feront aussi

partie de l'équipée, auront pour tâche de découvrir le nouvel accès entraperçu la veille en fin d'exploration.

Donc, retour à l'embouchure de Bocaina.

En suivant un sentier peu marqué au milieu de la végétation luxuriante où la fraîcheur y est résiduelle, nous surplombons finalement l'imposante fracture. Des hauteurs où nous nous tenons, nous parvenons à localiser, à l'aide d'un repérage approximatif sur la carte et d'une estimation donnée par le GPS, la présence possible du point recherché.

Les radios émetteurs sont d'un précieux secours lors de ces prospections où les petits groupes sont amenés parfois à être séparés par des mini-fractures et des distances qui empêchent les communications par les voies conventionnelles. Les recherches qui se prolongent durant une partie de l'après-midi, aboutiront à la découverte de cet accès qui permettra de poursuivre les investigations dans Bocaina. Et aussi de raccourcir la distance à parcourir le long d'un cheminement incommode à l'intérieur de la fracture, pour parvenir au point final de l'exploration.

La verticale de 37 mètres, aperçue la veille, est équipée par mes amis que je me contente d'observer du point élevé où je me trouve. Je les vois bientôt disparaître l'un après l'autre dans l'antre de la roche. Ils rejoindront le terminus de la veille et poursuivront la découverte où nous l'avons suspendue.

Samedi 30 juin

Plusieurs équipes se forment en ce matin ensoleillé. Je me joins à l'une d'entre elles qui comprendra aussi Valérie et Guy. Nous aurons pour objectif de déséquiper toute la partie décrite plus haut, et de réaliser quelques clichés de ce nouveau circuit.

Le sens de la progression se fait à partir de la verticale de 37 mètres, qui sera déséquippée après notre passage par une autre équipe, vers la verticale de 116 mètres. Donc, aucun retour en arrière ne sera possible. Le dénivelé est remonté et à notre passage, nous libérons cet espace naturel des agrès que nous avions placés lors de sa récente découverte.



Nous réalisons des clichés caractéristiques à cette formation peu répandue dans le monde. Nous nous acheminons ainsi, en ayant rempli nos kits de l'équipement récupéré, vers le ressaut de 7 équipé par nos amis brésiliens en 2000. Valérie et Guy ne connaissent pas ce réseau, je prends donc la tête de notre trio, étant donné que je suis un de ceux qui ont participé à son invention.

Au-dessus de ce dernier déséquipement, nous apercevons la lumière du jour qui émane du sommet de la faille où nous nous déplaçons. D'anciens nids érigés à même le sol sur les tas de guano d'hirondelles qui peuplent ces failles pendant la période de nidification s'étendant d'août à décembre, contiennent encore les coquilles d'œufs abandonnées par leurs ex-occupants. Il est 17h 30 et je guide mes amis vers ce qui me paraît être la bonne voie de sortie.

Soudain, un énorme doute m'envahit et je me rends compte, avec effroi, que je n'ai plus du tout souvenir de l'itinéraire à emprunter.

Je fais des efforts désespérés pour retrouver la mémoire qui me fait défaut. Dans mon esprit, l'analyse se déroule à un rythme fou, et très vite je prends conscience de la cause de tout cela. Lors

du pourquoi de la situation dans laquelle nous nous trouvons présentement.

Nous étudions toutes les possibilités qui s'offrent à nous, à gauche, à droite, en haut, en bas... Cependant, il faut se rendre à l'évidence : rien ne contribue à raviver ma mémoire. Bien au contraire, une grande confusion m'envahit et tout devient de plus en plus flou dans mes souvenirs.

2h 30 se sont écoulées à fouiller les lieux quand Guy m'annonce un point topo sur un bloc au milieu d'une salle où ruisselle un filet d'eau entre les cristaux de quartz : le fameux point B.16, l'endroit même où Alvaro s'était auparavant égaré en recherchant lui-aussi la direction de la sortie. Mais cette fois-ci malheureusement, pas de traces d'Ezio... Fatigué de ces vaines recherches, désorienté et les idées embrouillées, je propose à Valérie et à Guy de nous reposer un peu autour d'un bouillon chaud. J'essaie de me calmer un peu, de rassembler mes souvenirs, et je repars seul explorer les différents accès déjà parcourus à plusieurs reprises, mais une fois de plus sans succès. Je rejoins alors mes compagnons et leur explique ma décision de cesser les recherches et de patienter jusqu'à ce que

de mon précédent passage, j'avais utilisé toute mon énergie à franchir les nombreux obstacles de ce parcours avec la plus grande prudence, ce qui fait que mon attention ne s'était pas portée sur les points clefs de ce circuit. En effet, comme je craignais alors un risque de luxation de prothèse au fond de Bocaina, j'ai tout fait pour que ce scénario ne se concrétise pas.

C e c i expliquant cela, vous voilà au fait

de nos amis, en surface, viennent nous sortir de cette "impasse".

21 heures, l'humidité régnante, les courants d'air et une température de 13°C déclenchent des ondes de frissons qui nous obligent à sortir nos couvertures de survie.

Nous avons à boire, à manger, du carbure. La situation est insolite, mais pas catastrophique.

Guy nous démontre ses talents de ronsfleur, immité bientôt par Valérie.

23 h 30, ne parvenant pas à dormir, je reste attentif aux moindres bruits émanant du sous-sol où nous sommes bloqués, quand des murmures lointains se font entendre. J'en informe Valérie et Guy, et 10 minutes plus tard, la voix d'Olivier se perçoit distinctement.

Il s'approche en empruntant ces petits passages parmi les blocs et sa lumière apparaît enfin au-dessus de notre campement de fortune. Il est suivi par Marc et Gilles à qui il n'a pas manqué de communiquer que nous allions bien. L'Information est aussitôt transmise par radio-émetteur à l'équipe du dehors, et de là jusqu'au campement de base, au sommet du massif.

Après leur avoir expliqué le pourquoi du comment de notre situation, ils nous font bien sentir qu'à leur avis celle-ci était des plus absurdes. Et leurs propos étaient émaillés de quelques relents de non-acceptation des faits...

Après toutes ces péripéties, notre arrivée sous la bâche orange se fera vers 2 h du matin, dans la nuit du dimanche 1^{er} juillet.

Jean-François nous avait préparé des Lyofals. Merci Jean-François !

Epilogue

Lorsque certains cas de figure se présentent à nous, ceux-ci sont conformes à la situation du moment et sont donc gérés en conséquence.

Pour ceux qui ne partagent pas personnellement la réalité du moment, celle-ci est perçue sous un angle différent.

Prendre conscience et accepter cette vérité — qui est une des particularités de la vie — n'est pas facile pour tout le monde.

Pourtant, c'est une des leçons, et il y en a eu d'autres, que je retiendrai de cette enrichissante expérience que fut l'expédition BAHLA 2001. 